

Ensaio sobre Gesto, Princípio e Idéia musical - Parte 1 : ‘Pensar’ prescindindo do raciocínio lógico.

José Augusto Mannis

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
e-mail: jamannis@uol.com.br jamannis@unicamp.br

1. Introdução

Este artigo é o primeiro de uma série dedicada ao tema Gesto, Princípio e Idéia em processos criativos, dirigido prioritariamente à área de música mas sem ser excluente com as demais. Ao desenvolver o assunto surgiu a necessidade de tratar preliminarmente o pensamento: como é conhecido, como é considerado e, sem nenhuma pretensão e provavelmente de maneira especulativa, como parece ou pode ser de fato, buscando juntamente a isso suscitar nos leitores uma revisão da forma particular de como é considerado por cada um individualmente. Um dos pontos envolvidos neste tema é o da expressão natural, corporal e orgânica do indivíduo diretamente com o meio através do qual se expressa, sem passar por representações e processos intermediários e em outros meios, como a representação sonora escrita a partir da qual o raciocínio lógico se articula conduzindo os elementos e objetos representados. Na música, isso significaria pensar com sons, diretamente com eles, sem passar por procedimentos ou validações em qualquer outro meio, ponto inicial para se expressar inteira e plenamente através de gestos sonoros, estabelecer em seguida princípios musicais e organizá-los com idéias musicais. O raciocínio lógico não é descartado dos processos criativos, mas busca-se o reconhecimento da validade e pertinência de operações de articulação do pensamento defectivas em relação ao raciocínio lógico mas eficientes em outros domínios que a lógica. O trajeto deste primeiro artigo é então partir de um dos sentidos comuns do termo ‘pensar’ em direção a ‘pensar com...’ saindo do automatismo do raciocínio lógico para a reflexão analítica e objetivando sugerir um ‘pensar com sons’ à música. Os exemplos estão em outras linguagens e suportes que não a música, devido ao suporte deste artigo impresso. Formalmente este trabalho consiste na junção de um único excerto de texto de Pascal Engel²⁷ (original e traduzido, ambos apresentados em tonalidade mais clara de caractères) fragmentado e intercalado (algumas vezes articulado) a um

²⁷ Maître de conférences de philosophie, Université de Grenoble II et C.N.R.S. Grenoble UA 1230

texto original. A totalidade da montagem corresponde à integralidade deste artigo.

2. Pensar

Percebo um sentido comum atribuído a ‘pensar’ demasiadamente limitado, o mais simplista sendo ‘crer’ ou ‘acreditar’ em algo, porém quase que como uma opinião vaga, um raciocínio não certificado (não garantido por não ter sido rigorosamente comprovado), e ainda muito distante da fé ou qualquer crença incondicional. Há ainda o sentido de praticar o raciocínio lógico ou, como atividade psíquica consciente e organizada, lidar com idéias e operações consistentes integradas num processo igualmente consistente. Pode ser também o exercício da avaliação ou julgamento, ou ainda, dedução e concepção pela lógica. Talvez essa seja minha impressão devido a um filtro pessoal subjetivo próprio a meu fascínio natural pelas máquinas, autômatos, sistemas ou por ter me iniciado em música na adolescência, durante um ciclo de estudos dirigido às ciências exatas, quando as notas musicais e o mundo dos sons foram assimilados e dominados paralelamente a números, algoritmos, fenômenos naturais (ou induzidos) e conceitos científicos.

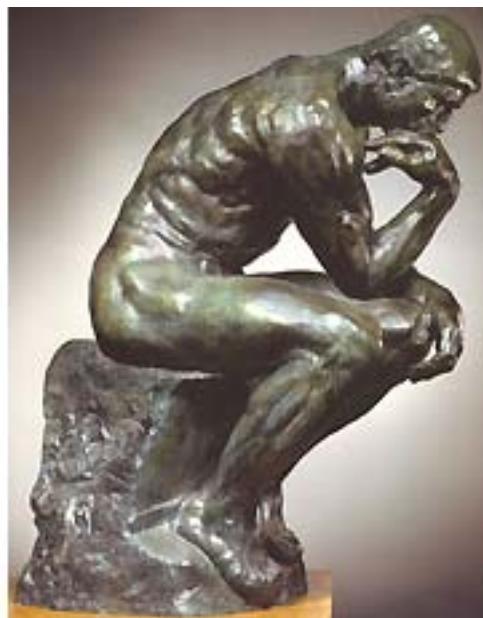


Figura 1 – Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/materia/resources/images/che/rodin1.jpg>

Provavelmente estas linhas não ressoem tanto em indivíduos com outras vivências, mas espero compartilhar estas impressões com os que estejam mais próximos e aqueles que possam tolerar e abstrair diferenças. Assim, desde meu ponto de partida fui inclinado a enxergar o pensamento como “um processo discursivo, ativo e intencional, que dura um certo tempo e cujo resultado pode ser um certo número de julgamentos ou um certo número de ações consumadas deliberadamente” (ENGEL, 2008).

Porém, em algum momento ou outro durante a vida acabamos descobrindo que

«penser»²⁸ a, dans notre vocabulaire courant, des sens multiples.²⁹

“pensar” é um termo que em nosso vocabulário corriqueiro tem sentidos múltiplos.

Uma coisa que me chamou muito a atenção foi durante uma oficina de Maurice Béjart durante o curso de verão do Centre Acanthes, realizado em Aix-en-Provence (França), na qual trabalhava improvisação com um grupo de dança. Após algumas performances, entrou um dançarino que executou uma coreografia muito clara, coerente e interessante. Béjart imediatamente observou que os movimentos eram compostos de alguns de gestos básicos elementares, associados e combinados durante toda a dança: - “Com isso ele criou uma linguagem” - disse Béjart a todos. Praticamente foi o que fixou em mim a noção do binômio permanência x variação (SCHAEFFER, 1966).

Durante a década de 1980 um artista plástico homenageado pela UNESCO por ter criado uma pequena escultura se transformando de muitas maneiras e destinado a ser um brinquedo disse em seu discurso: - “Com esse brinquedo as crianças podem ‘pensar’ em formas”, salientando como isso contribuía para o desenvolvimento delas.



Figura 2 – Brinquedo parecido mas não é o mesmo. Fonte: <http://livre.inventeur.info/dessins/1024.gif>

28 Aspas do autor original do texto em francês e negrito do tradutor.

29 Todas as citações em itálico, em francês e imediatamente traduzidas são de Engel (2008).

E uma coisa se juntou com a outra: o dançarino da oficina do Béjart estava, na verdade, pensando com seu corpo e o fêz com naturalidade, fluência e elegância, a ponto de, para Béjart, ter ‘criado uma linguagem’.

Numa dessas coincidências múltiplas que acontecem em ambientes de efervescência cultural, após aulas na classe de Composição de música eletroacústica e pesquisa musical no Conservatório de Paris com Guy Reibel sobre gesto musical e movimento do som, me deparo com uma grande exposição no Centro Pompidou sobre Jackson Pollock incluindo a exibição de filmes onde ele aparece pintando. Uma verdadeira performance, uma dança na qual a cada gesto deixava um rastro. E a obra pictórica era a acumulação de todos os gestos. Os gestos do pintor se encontraram em minha mente com os gestos sonoros das improvisações e sequências musicais montadas na classe de Guy Reibel e os gestos corporais do dançarino da oficina de Béjart. Em todas essas expressões se a linguagem brota como tal, é somente pela harmonia do discurso cuja elegância vem do justo equilíbrio entre *permanência* e *variação* (SCHAEFFER, 1966) e entre *unidade* e *variedade* (PHILIPPOT, 1977).

Apesar da fundamentação científica estar praticamente centrada na certificação proporcionada através dos processos lógicos, não pensamos somente com ferramentas da lógica nem unicamente através de palavras, operações e números, mas pensamos também de outras maneiras e nos exprimimos sobre outros suportes com odores (sedução...), gostos (enologia...), tato (carinho...), formas (pintura abstrata...), materiais e contornos (escultura...), linhas (desenhos de Picasso...), volumes (computação gráfica...), cores (Paul Klee...), variações de luzes (show de rock...), objetos (instalações...), gestos (dança...), movimentos (cinema...) **e sons**. E certamente foi assim que em algum momento de nossa existência aprendemos muitas coisas, talvez mesmo o **espaço** e o **tempo**.



Figura 3 - Danças e Pollock pintando.



Figura 4 – Descobrindo, vivendo, criando e pensando com sons.

Mais les pensées sont avant tout des états mentaux, doués de contenus, avant d'être les produits d'une activité réflexive de l'esprit.

*Mas os pensamentos são, antes de tudo, **estados mentais**, dotados de conteúdos, antes de serem produtos de uma atividade reflexiva da mente.*

Brincando, a criança está pensando: com as mãos, com os movimentos, com o olhar, com as sensações do tato sobre os materiais, com os odores, com os sons que produz e com os sons que o ambiente lhe proporciona.



Figura 5 – Abrindo a percepção às sensações, aprendendo o mundo, construindo e fantasiando. Fonte: www.taps.org.br/Paginas/vacinart07.html; www.jauimagem.com.br/dicas.asp; www.jogos.antigos.nom.br/jinfantis.asp

Antes de dominar a fala, o olhar da criança não se estanca naquilo que está observando, vai além. Busca entender e se relacionar com o que tem em mãos. Segundo a etimologia (HARPER, 2008), a palavra inglesa *comprehend* (1340) (“to grasp with the mind”: segurar, agarrar, tomar com a mente) vem de *comprehendere* (“to grasp, seize”: tomar, segurar, agarrar, dominar): *com-* (completely) + *prehendere* (“to catch hold of, seize”: tocar, pegar, segurar, agarrar, dominar). Compreender é dominar com o conhecimento aquilo que se observa.



Figura 6 – Fonte: www.baby-walz.com/boutique/jouet_skwish.asp

Se existe a capacidade de compreensão antes da assimilação da lógica, existem portanto pensamentos que prescindem dela. Aquilo que está sob observação da criança e com o que ela se relaciona, não tendo nome nem significado, torna-se uma experiência táctil, visual, auditiva, olfativa, gustativa vivida sem a força gravitacional da lógica, nem de qualquer vocabulário cultural externo, portanto, um permanente *époché*, algo que, depois de adultos, pode se tornar muito difícil de conseguir atingir.

Une théorie de la pensée doit d'abord s'appuyer sur une conception du mental.

Uma teoria do pensamento deve antes de tudo se apoiar sobre uma concepção do mental.

3. O princípio de equivalência ou de correspondência

Depois de aprender a falar, o processo de desenvolvimento do ser humano, tal como tem sido, favorece intensamente alguns aspectos como o raciocínio lógico, abandonando outros potenciais do indivíduo, sobretudo aqueles de natureza intuitiva e de difícil representação. Acabamos fixando **modelos** e **métodos** empregados de forma sistemática tanto para a apreensão da realidade percebida como para agir sobre ela.

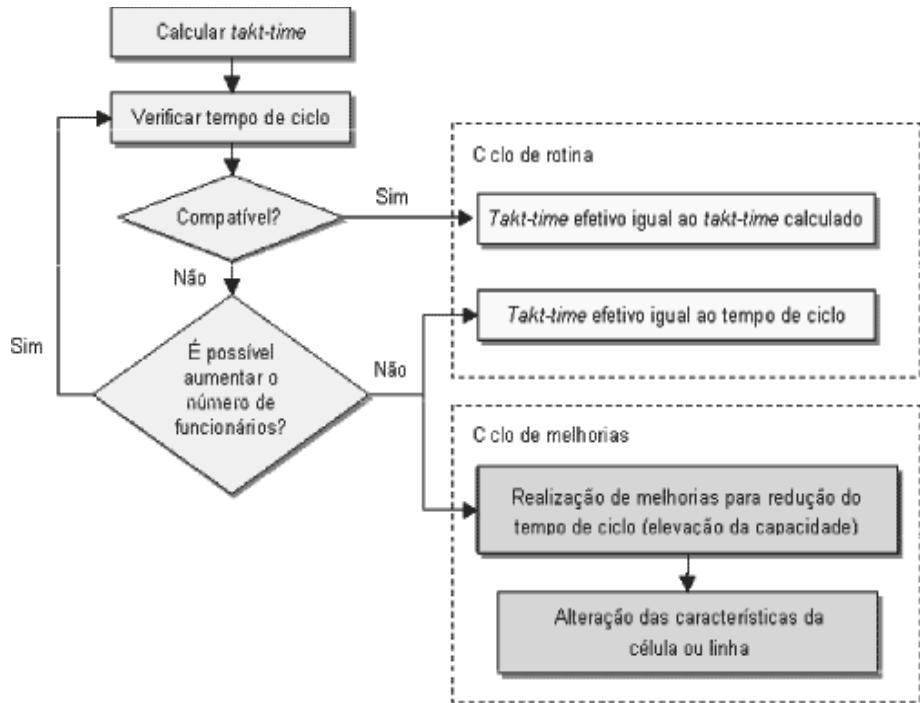


Figura 7 – Exemplo de modelo/método sustentado pela lógica: fragmento de procedimento representado em fluxograma.

(N.B.: o conteúdo específico da ilustração não é importante, somente a maneira pela qual os elementos são representados e articulados)

O raciocínio lógico, devendo ser coerente com a realidade, é inteiramente dependente das informações externas recebidas por cada um, e necessita, pelo menos, ser consistente com aquilo que percebemos dessa realidade. Assim, nos acostumamos, nos acomodamos e nos deixamos condicionar para lidar com o mundo, resumido na realidade ‘objetiva’ percebida.

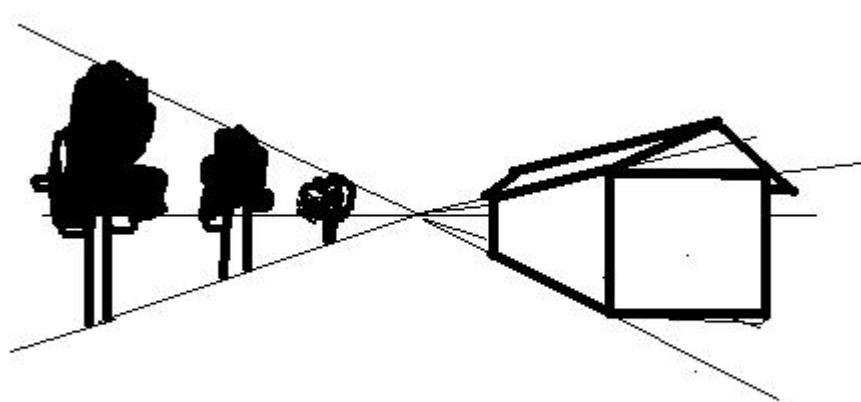


Figura 8 – Fonte: members.fortunecity.com/elbereth1/fxs1.html

A ponto de tolerarmos que algo visto de longe seja menor que visto de perto, enquanto que na realidade o objeto observado, em si, não muda de tamanho. Ao aceitarmos isso, começamos a assimilar o **espaço** da maneira como o fazemos, com a ressalva de que os deficientes visuais o fazem de outra forma, através do som.

Les pensées ont des contenus « intentionnels » qui sont susceptibles d'être vrais ou faux.

*Os pensamentos têm **conteúdos « intencionais**» susceptíveis de serem **verdadeiros ou falsos**.*

Neste mundo, para chegarmos a qualquer lugar, estado, situação ou resultado, devemos operar com extremo rigor, mantendo cuidadosamente, a cada passo do processo, o controle da resposta da realidade às nossas ações. E nesse momento o raciocínio lógico é uma ferramenta fundamental. As informações externas percebidas são testadas, controladas e garantidas pelos processos lógicos, assim certificadas, e implementadas a tudo o que é feito por esses processos. Isso é possível graças ao **princípio de equivalência** ou de **correspondência**.

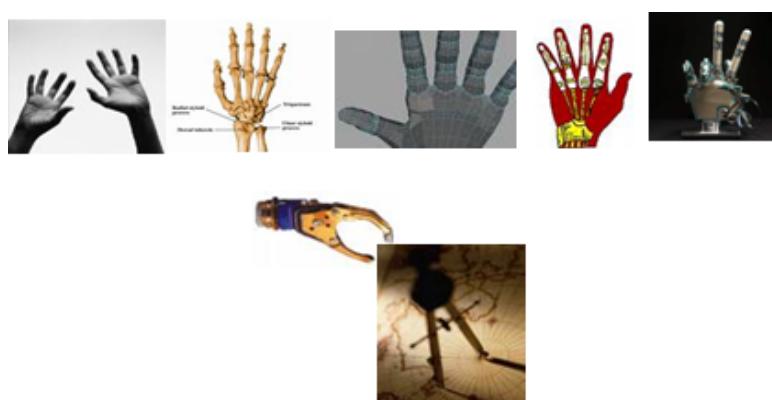


Figura 9 – Representações e equivalências cada vez mais sofisticadas.

Para alguns, equivocadamente a representação chega a ser confundida com aquilo que está sendo representado: **mapa com terreno; plano com tarefa**. Sobretudo quando a complexidade da representação é elevada e fornece todas as reações percebidas pelos nossos sentidos.

Unicamente a partir da observação e análise da luz emanando de pontos do céu, a astromonia, uma ciência que admiro muito por trabalhar com o inatingível de forma tão precisa, infere uma infinidade de informações sobre o objeto observado, sua temperatura, se há atmosfera e de que tipo, sua idade, seu estágio de desenvolvimento, sua massa,

seus movimentos, suas tendências, justamente pelo **princípio da equivalência ou correspondência**.

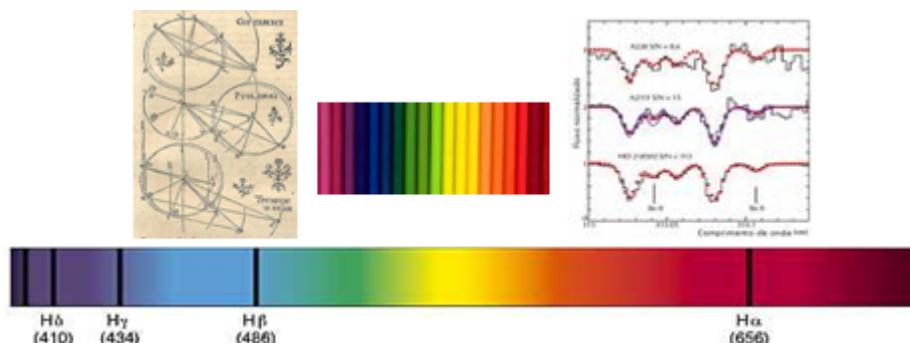


Figura 10 – Observação e análise da luz, pouca informação e uma infinidade de conhecimentos.

O **princípio de equivalência** ou de **correspondência** é conhecido há muito tempo e relatado há muito tempo, pelo menos desde o Antigo Egito. O lendário Hermes Trismegisto (public. 2005) o apresenta como um dos sete principios herméticos³⁰, denominando-o princípio de correspondência, segundo o qual, “pode-se resolver paradoxos obscuros, segredos da natureza escondidos, e compreender coisas que, por nossa simples natureza, seria impossível fazê-lo”. A astronomia é sem dúvida um bom exemplo desse princípio, quando o tratamos como meio para conhecimento da realidade física. E a climatologia é certamente o mais impressionante.

Se por acaso ao empregar os métodos ou modelos assim conhecidos, apesar da rigorosa validação, algo não der certo, uma solução deve ser encontrada. Pode ser dada pela lógica, ou encontrada por acaso, requerendo, então, uma justificativa lógica. O novo conhecimento resultante é estudado, comparado aos demais, de modo a que o todo se acomode de forma consistente e em harmonia, o que nem sempre é evidente. Na matemática e na lógica, Kurt Gödel (1906-1978), autor dos Teoremas da Incompletude ou Teoremas da Indecibilidade (segundo Ricardo S. Kubrusly³¹ (2008) os mais surpreendentes e comentados resultados matemáticos do século) provou que em todo sistema matemático axiomático existem proposições das quais não é possível demonstrar nem a veracidade nem a falsidade. Demonstrou ainda que não podemos considerar as matemáticas como um objeto finito, o que significa que nenhum computador pode ser programado para responder a todas as questões matemáticas (PIRE³², 2008).

30 O termo hermético provém justamente de seu nome, por ter expressado seus conhecimentos através de aforismos, representações e formulações de difícil interpretação.

31 Docente do Departamento de Métodos Matemáticos do Instituto de Matemática da UFRJ

32 Directeur de recherche au C.N.R.S., Centre de Physique Théorique de l'École Polytechnique, Palaiseau.

Segundo a Prova de Gödel, considerando o verdadeiro, o falso e o paradoxo, um sistema consistente não é suficiente, e um sistema suficiente não é consistente. Um curto exemplo disso seria a simples afirmação : - “Eu sou um mentiroso.”

Portanto, ao contrário do que comumente é considerado, o raciocínio lógico não atende à realidade ‘objetiva’ em todos os seus aspectos.

*Mais on ne peut pour autant les isoler de l'esprit qui les pense
Contudo, não se pode isolá-los da mente que os pensa*

sobretudo quando estamos do domínio da expressão e da manifestação artística. O importante não é somente a correspondência do objeto com sua representação, mas **como** ele é representado. Seja história ou ficção, a maneira, o interesse, o ritmo, a fluidez, a solidez como ambas são narradas, ilustradas, comentadas é fundamental para a imagem do conteúdo apreendida pelo leitor. Há uma arte em ambas e grandes autores aí se destacam. Toda versão é impregnada das tinturas da mente que a produziu. Todo indivíduo ao se expressar de fato, doa parte de si ao mundo externo.

Selon la conception cartésienne, elles sont nécessairement conscientes et «privées», au sens où je suis le seul capable d'en connaître les contenus

Segundo a concepção cartesiana, eles são necessariamente conscientes e “privados”³³, no sentido de que eu sou o único capaz de conhecer seus conteúdos

na mesma medida em que cada um que recebe a doação de uma verdadeira expressão, irá frui-la particularmente, de forma totalmente pessoal, com suas sensações e seus pensamentos cujas conjunções e florescimentos só irão acontecer naquele indivíduo, naquele momento e daquela forma.

Mais les philosophes qui, comme Wittgenstein, s'opposent à cette identification du mental et du privé insistent au contraire sur les critères publics et linguistiques de toute possession de pensées, et sur leur nature dispositionnelle plutôt que sur les processus - mentais ou physiques - qui les sous-tendent.

*Mas filósofos como Wittgenstein que se opõem a esta identificação do mental e do privado, insistem mais nos **critérios públicos e lingüísticos** de posse dos pensamentos, e sobre sua natureza ‘disposicional’ (sem referência), do que nos processos - mentais ou físicos – que os subentendem.*

33 Aspas do autor original do texto em francês e negrito do tradutor.



Figura 11 – O conteúdo não é tudo. A maneira como é representado faz toda a diferença. À esquerda, H. Matisse “Jazz” e, à direita, uma montagem com os mesmos elementos representados.

La philosophie contemporaine de la psychologie, inspirée par les «sciences cognitives» et l'intelligence artificielle, s'intéresse au contraire à la nature des processus et des représentations mentales, et puise son inspiration dans une forme renouvelée de mécanisme, en comparant les pensées aux calculs internes d'un ordinateur.

Contrariamente, a filosofia contemporânea da psicologia, inspirada pelas “ciências cognitivas”³⁴ e a inteligência artificial, se interessa pela natureza dos processos e das representações mentais, buscando sua inspiração numa forma renovada de mecanismo, comparando o pensamento aos cálculos internos de um computador.

O pensamento mesmo se produzindo em nível consciente não escapa de intervenções e manifestações do inconsciente. No segundo plano é que operam muitas das escolhas, das preferências, muitas vezes inexplicadas pela consciência. Impulsos expressivos, gestos interpretativos, maneiras de fazer, de dizer, trazem parte desse mundo profundo do indivíduo, no qual não se tem controle dos procedimento ou métodos de articulação do pensamento. A maior parte das operações construtivas nos processos criativos se passam entre os níveis consciente e inconsciente. Portanto, analisando pela lógica, o peso da participação dos processos lógicos nos processos criativos, necessariamente não pode ser mais do que parcial. Agora, do ponto de vista da experiência prática, os mecanismos atuantes durante os processos criativos podem ser totalmente estranhos e incompatíveis com o raciocínio lógico e portanto conduzirem uma proposta criativa a bom termo. Mais uma vez pela lógica, a consistência de um processo nunca foi condição suficiente para que uma criação fosse uma obra prima. O sublime é um desses pontos inatingíveis pela razão, e o estudo da arte pode ser, nesse ponto, um pouco como a astronomia.

34 Aspas são do autor original do texto em francês e negrito do tradutor.

Elle explique ainsi l'intelligence et les activités de pensée par la manipulation de représentations symboliques encodées dans l'esprit.

*Ele (o pensamento) explica então a inteligência e as atividades do pensamento pela **manipulação de representações simbólicas codificadas na mente**.*

4. O imponderável, o imprevisto, o descontínuo, o inconsistente, o incoerente para o raciocínio lógico na criação artística

Tomemos a representação e da luz, os elementos e objetos a partir daí criados, a articulação desses objetos em sistemas, na *astronomia* e na *criação pictural*. Um mesmo cromatismo, uma mesma variação, tratada com rigores e pontos de vista diferentes e por processos não (cor)relacionados. As representações, os modelos e os métodos são distintos em ambos os casos.

Em cada caso há uma realidade específica diferente à qual se busca uma equivalência (ou correspondência): na *astronomia* a realidade ‘objetiva’ do que se observa no céu, na *pintura* a realidade subjetiva do indivíduo, no caso o artista. No caso da criação artística a complexidade é maior, pois trata de representar algo que somente o artista pode perceber dentro de si (de um conteúdo do fundo de uma mente para o fundo de outra mente) enquanto que na física aquele que elabora o discurso e aquele que o recebe podem compartilhar o mesmo objeto a ser representado (uma mente se relacionando com uma outra através de um conteúdo compartilhado).

Devido à extrema distância entre os dois casos é justificável que os métodos e modelos para as articulações entre os objetos representados em cada um possam ser distintos. Não há, portanto, por que eventualmente exigir que haja necessidade de correlação total entre ambos, cada um tendo, assim, autonomia e suas próprias especificidades.

O cromatismo e a variação de tonalidade das cores podem, portanto, seguir escalas diversas em cada domínio. Os objetos do discurso na *astronomia* e na *criação pictural* podem representar objetos, impressões, estados, estágios, movimentos, com prioridades distintas. Se a semelhança da forma é uma prioridade na astronomia dirigida a uma semelhança do contorno da massa, na pintura pode ser que a luz venha a ser prioritária ao contorno do objeto. Na próxima ilustração interpreto pessoalmente os quadros de Klee e Monet como representando a mesma coisa: um ritmo de luzes no espaço da tela. De chofre, ao confrontar ambos os quadros, as *nymphéas* de Monet são, para mim, idênticas aos quadrados claros de Klee, o que, do ponto de vista lógico e científico, pode não ser óbvio ou mesmo ser inviável. Talvez mesmo não se possa demonstrar ou, pelo menos, exige um esforço especial para isso. O que

deve ser ressaltado é que dados dois domínios distintos como *raciocínio lógico* e *processo criativo em artes*, o que é imponderável, imprevisto, discontínuo, inconsistente ou incoerente num deles, não necessariamente deve, por essa única razão, sê-lo também no outro. O principal objetivo neste momento e neste estágio deste texto pode ser resumido em: apesar de eventualmente imponderável, imprevista, discontínua, inconsistente ou incoerente aos olhos do raciocínio lógico, uma articulação de pensamento em outros domínios, notadamente nos processos de criação artística, pode vir a ser válida, aceitável, correta e pertinente.

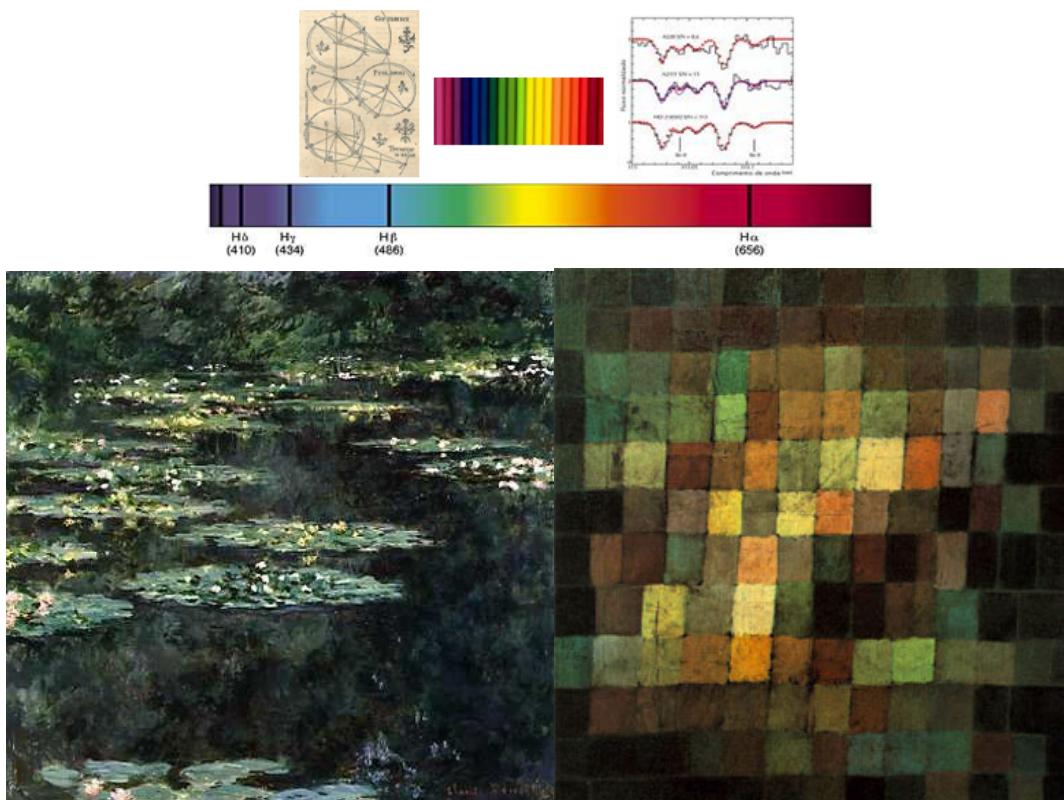


Figura 12 – Acima: Variações de tonalidade devido à variação do comprimento de onda de componentes da luz dentro do espectro visível pelos seres humanos; Ilustrações gráficas de algumas conclusões a partir da análise de uma luz como órbita e outras propriedades do objeto em observação. Abaixo: (à esquerda) Paul Klee, *Ancient Sound, Abstract on Black* (1925); (à direita) Claude Monet, *Nymphéas* (1904). Fontes : <http://www.sai.msu.su/wm/paint/auth/klee/klee.ancient-sound.jpg>; http://www.sgallery.net/artnews/data/upimages/2007/06/Monet_Nymphaeas.jpg

Mais, malgré ses efforts réductionnistes, elle se heurte à l'irréductibilité des contenus intentionnels, c'est-à-dire au fait que les pensées ont le pouvoir de représenter le monde d'une certaine façon, et de causer des actions en vertu de leurs contenus, sans que ces propriétés puissent recevoir ultimement une explication scientifique.

*Mas, apesar de seus esforços reducionistas, ele se defronta com a irredutibilidade dos conteúdos intencionais, ou seja, com o fato de que os pensamentos têm o poder de **representar o mundo** de um certo modo, e de **causar ações** em virtude de seus conteúdos, sem que essas propriedades possam receber em ultima instância uma explicação científica.*

***chô tobu ya kono yo ni nozomi
nai yô ni***

*Como se neste mundo
Não tivesse mais esperanças,
Vai-se a borboleta!*

Issa³⁵ (IURA, 2008)

5. REFERENCIAS

- ENGEL, Pascal. *Pensée*. In: Universalis.fr. <http://www.universalis.fr/corpus2-encyclopedie/117/0/O140551/encyclopedie/PENSEE.htm#> (accessed: May 03,2008)
- HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. <http://dictionary.reference.com/> (accessed: May 03, 2008).
- IURA, Edson Kenji. *Antologia de Haicais clássicos*. <http://www.kakinet.com> (accessed: May 04,2008)
- KUBRUSLY, Ricardo S. *Uma viagem informal ao teorema de Gödel : ou o preço da matemática é o eterno matemático*. <http://www.dmm.im.ufrj.br/projeto/diversos/godel.html> (accessed: May 04,2008)
- PHILIPPOT, Michel. Anotações de aula de J. A. Mannis nos primeiros anos do Instituto de Artes do Planalto da UNESP em São Bernardo do Campo (1977 a 1979).
- PIRE, Bernard. *Gödel : théorèmes d'incomplétude*. In: Universalis.fr. http://www.universalis.fr/corpus2-encyclopedie/117/0/Z020856/encyclopedie/GODEL_THEOREMES_D_INCOMPLETUD_E.htm (accessed: May 03,2008)
- SCHAEFFER, Pierre. *Traité des objets musicaux*. Paris : Seuil, 1966.
- TRISMEGISTO, Hermes. *Le kyabalion*. Paris : L&M, 2005.

35 Issa (1763-1827) Mestre do haiku